

**REVISTA
INTERNACIONAL
DE
LÍNGUA
PORTUGUESA**

Associação das Universidades de Língua Portuguesa

Março 1993

8

Língua e Mudanças Sociais — Algumas Reflexões sobre o caso de Moçambique

Hildizina Norberto Dias*

1. Introdução

A partir de 1975, com a proclamação da independência nacional e com a adopção de uma política marxista e «revolucionária», começam a ser usadas, principalmente pelos órgãos de informação, palavras que até essa altura não pertenciam ao vocabulário activo da maioria da população. Palavras como: demagogia, poligamia, ritos de iniciação, mobilização, engajamento, etc.

Provavelmente, por causa da ideologia de autenticidade que defendia que o homem africano deve emancipar-se através de uma consciência clara da importância da sua cultura, assistiu-se a uma larga campanha de mudanças. Os nomes das ruas, cidades, escolas, hospitais e as formas de tratamento foram alteradas. Esta mudança a nível da toponímia, hidronímia e antroponímia não se faz isoladamente. Há toda uma mudança adjacente ligada ao vestuário (começam a usar-se balalaicas, lenços na cabeça, capulanas, etc.), aos hábitos, e inclusive começa a haver maior valorização da culinária tipicamente moçambicana, etc.

No que se relaciona à língua, ocorre uma transformação paralela a nível lexical.

O processo de criação de novas palavras torna-se mais produtivo, são introduzidos com mais frequência empréstimos das línguas bantu e ocorre, também, a mudança semântica de palavras já existentes em português.

Para os falantes da língua portuguesa o problema foi apenas de aprendizagem e actualização ao léxico usado no momento. O grande problema colocava-se em relação às línguas bantu, pois não possuíam todos os termos necessários para veicular os conceitos abstractos da ideologia do partido Frelimo. Decorrente disto surge uma necessidade concreta de modernizar e desenvolver as línguas para que pudessem responder às necessidades de momento.

Ir-se-á em primeiro lugar analisar a forma como uma das línguas moçambicanas, o Chuabo, acompanhou as mudanças sócio-culturais ocorridas no período pós-independência.

2. Mecanismos de modernização lexical do Chuabo

No período pós-independência assiste-se de forma mais visível a um processo de modernização lexical, muitas vezes, efectuado de forma consciente pelos órgãos de informação e mobilizadores populares do partido Frelimo.

A análise dos mecanismos de modernização será feita com base num corpus recolhido da Rádio Moçambique e de informantes.

A modernização de uma língua é o processo pelo qual essa língua se assemelha em termos de riqueza lexical às outras línguas desenvolvidas. Este processo não é novo, nem moderno e não se destina apenas às línguas moçambicanas. O processo de modernização lexical acontece quando a língua tem que aparecer numa série de formas de discurso para as quais não era previamente usada (Dorais:1976).

O processo de modernização lexical engloba 2 aspectos:

- a) a expansão lexical de uma língua através de novas palavras e expressões;
- b) o desenvolvimento de estilos e formas de discurso.

A presente reflexão debruçar-se-á apenas sobre o primeiro aspecto.

Uma língua possui 3 meios de expansão lexical, nomeadamente:

- 1) *Lexicalização* — formação de uma lexia descrevendo a função ou aparência de um elemento da experiência moderna.
- 2) *Mudança semântica* — designação de um elemento novo por uma palavra pertencente ao léxico geral e ao vocabulário da cultura tradicional.
- 3) *Empréstimos* de outra língua.

Uma análise do corpus recolhido permitiu discernir os diferentes processos utilizados para nomear as realidades novas. Serão dados apenas 2 exemplos de cada processo para ilustração:

1. *Lexicalização*:

- *nfuni welabwaye* — patriota (aquele que ama a sua terra) ⁽¹⁾
- *musongoreni* — vanguarda (aqueles que nos ajudam a avançar)

2. *Mudança semântica*:

- *mavurano* — emulação (desafio)
- *mangawo* — crédito (dívida)

3. *Empréstimos do Português*:

- *xikola* — escola
- *nzame* — exame

Com base num trabalho de Dorais (1976), foi possível inferir algumas regras de designação de palavras novas, nomeadamente:

1. Se um elemento da experiência moderna desempenha um papel que foi transferido antes de uma unidade da cultura tradicional, é designado por um termo que se aplicava antigamente ao elemento tradicional.

Exs: - *palaza* — *altifalante* (instrumento feito de corno de boi)
- *madamaronda* — *mão-de-obra* (trabalhador sazonal)

2. Se um elemento moderno desempenha um papel tradicional, é percebido como tendo uma aparência muito diferente da unidade que jogava antigamente, e este papel novo é, então, designado por meio de uma lexia ou de um vocábulo geral exprimindo um dos seus traços salientes.

(1) A tradução literal da lexia encontra-se entre parêntesis.

Ex: - *Superstição*

- 1º sentido — *masarapitbo* — hipnotismo
- 2º sentido — *okwiri* — feitiçaria
- 3º sentido — *matadbelo* — proibições

3. Se um elemento da experiência moderna joga um papel múltiplo ou mal conhecido ou ainda, se ele é percebido como uma sub-espécie ligando-se a uma nova categoria semântica genérica, designa-se geralmente por uma *lexia* ou uma modificação de sentido exprimindo um dos seus traços salientes.

Exs: - *mapindulo a kobri* — investimento (fazer crescer o dinheiro)
- *muthengo wengesiwe* — orçamento (dinheiro contado)

4. Se um elemento da experiência moderna desempenha um papel radicalmente novo é designado geralmente por um termo emprestado do Português.

Exs: - *guvorno*
- *socialismo*

Devido à forte ideologia de autenticidade africana, nos anos pós-independência, o processo de modernização caracterizou-se sobretudo por uma forte incidência dos mecanismos de lexicalização e mudança semântica, sendo o primeiro o mais frequente e produtivo. Havia uma vontade imensa de mostrar ao colonizador e ao mundo inteiro que as nossas línguas eram capazes de veicular conceitos abstractos que, normalmente, eram veiculados apenas pela língua portuguesa. Assiste-se, então, a uma nação deliberada de criação de *lexias* para designar os elementos da experiência moderna. O processo de lexicalização teve sucessos, e foram muitas as *lexias* que se fixaram e passaram a fazer parte do vocabulário activo dos falantes da língua *chuabo*.

Como foi anteriormente referenciado, o processo de mudança semântica não foi muito produtivo. Elementos novos que eram designados através de uma palavra pertencente ao léxico da cultura tradicional em 1975, 1976, 1977, como por exemplo, «*nikuru* (grupo) para designar *equipa*,

mavurano (desafio) para designar *emulação* e *mangawo* (dívida) para designar *crédito*, não chegaram a ser usadas pelos falantes. Apenas os órgãos de informação e um e outro mobilizador tentaram introduzir na língua, mas os falantes não aceitaram estas palavras.

Possivelmente, a não aceitação da mudança semântica de algumas palavras é devido ao facto de se tornar difícil retirar a conotação tradicional e atribuir um novo sentido à palavra. Tudo leva a crer que algumas palavras continuam a ser percebidas como pertencendo ao léxico tradicional, daqui a explicação para a preferência do uso de empréstimos em detrimento da mudança semântica.

Houve, durante esta época, uma tentativa de usar certas palavras que redundou em fracasso, pois os falantes nem sequer eram capazes de as descodificar nos contextos em que eram usadas, como por exemplo, *yuma* (saco comprido que servia para guardar o dinheiro) para designar *Banco* (estabelecimento de crédito, para transacções de fundos públicos ou particulares; edifício onde se realizam essas transacções).

Neste momento, 17 anos após o desencadeamento deste processo verifica-se que os processos mais produtivos para a modernização são a lexicalização e os empréstimos. Os empréstimos do Português estão a ser bastante frequentes, principalmente no que se refere a palavras ligadas à ciência, tecnologia, política e outros domínios.

Parece que esta preferência em relação aos empréstimos pode ser explicada como uma consequência das mudanças políticas, culturais e sócio-económicas em curso em Moçambique.

Com o enfraquecimento da ideologia marxista-leninista e, principalmente, com o surgimento de uma economia de mercado, que exige pessoal qualificado, verifica-se uma maior preocupação em usar a língua portuguesa, pois o momento assim o exige. O Português vai, dia após dia, ganhando maior prestígio e aceitação, principalmente a nível das cidades. Esta elevação do estatuto da língua portuguesa provoca necessariamente o abaixamento de estatuto das

línguas moçambicanas, e, conseqüentemente a perda de vontade de as modernizar, de as enriquecer. No momento actual, parece não haver mais aquele furor dos anos pós-independência de modernizar as línguas moçambicanas por seus próprios meios, sem ser necessário recorrer à língua portuguesa. Grande parte das pessoas estão muito mais preocupadas em melhorar as condições económico-financeiras individuais, o que é compreensível numa situação de guerra e instabilidade como é a nossa. Apenas se vislumbram acções isoladas e frágeis por parte de alguns estudiosos.

Passemos agora a analisar o desenvolvimento lexical do Português em Moçambique, no período pós-independência.

3. O Português e as mudanças sócio-políticas em Moçambique

Não se pode falar de modernização lexical em relação à língua portuguesa tal como foi explanado para o Chuabo, visto que as línguas percorreram caminhos de evoluções completamente diferentes.

Teysser (1990:73-74) afirma que «é possível isolar, na evolução histórica da língua portuguesa, vários eixos que permitam ordenar e esclarecer os fenómenos linguísticos, nomeadamente:

1. Os descobrimentos e a expansão ultramarina
2. História cultural e literária
3. As influências estrangeiras

O fim do século XVIII e o início do séc. XIX parecem ter sido uma época de transição entre o Português clássico e o que se pode chamar de Português contemporâneo.

O vocabulário do Português enriqueceu-se acompanhando a evolução científica e técnica que se vivia no momento. Foi-se, por vezes, buscar no léxico existente a palavra própria para denotar o objecto novo; na maior parte das vezes recorreu-se às raízes grego-latinas e também aos empréstimos às línguas europeias, principalmente do Francês».

Como se pode verificar o Português e o Chuabo tiveram evoluções diferentes. A modernização do Chuabo começou de forma acentuada e notória após a independência e a do Português ocorreu nos finais do séc. XVIII e princípios do séc. XIX.

No período pós-independência, a língua portuguesa apenas se adaptou a nível lexical à conjuntura do momento. São introduzidas no vocabulário activo dos falantes, palavras vulgarmente usadas pelos ideólogos marxistas, como, por exemplo, *massas populares, opressão, demagogia, homem novo*, etc.

Nos primeiros tempos, a criação de novas palavras foi feita, principalmente, através de um processo de derivação. Parece que este processo foi motivado pela política de «moçambicanização» do Português. Tudo levava a crer que se pretendia naquele momento, formar palavras que se distanciassem da norma do Português Europeu, daí a criação de palavras como:

- *pacientar*
- *desconseguir*
- *confusãoção*

Muitas vezes estas palavras eram até utilizadas por «bons» falantes do Português; elas serviam de identificação com as «massas populares».

A partir da década de oitenta começam a surgir novos significados para muitas palavras já existentes em Português. Estas palavras são, maioritariamente, usadas pelos jovens. Muitas razões podem estar na base deste fenómeno, sendo uma delas a considerável fuga de jovens para os países vizinhos. Tornava-se, deste modo, necessário criar um vocabulário que lhes fosse próprio e incompreensível por parte de outras pessoas. Palavras como, *abrir, bater, viajar, rachar*, passam a ter outros significados.

Paralelamente a estes processos de formação de novas palavras e mudança semântica de outras, introduzem-se empréstimos das línguas bantu e inglesa. Os empréstimos do Inglês são introduzidos, maioritariamente, pelos jovens.

Os empréstimos das línguas bantu parecem ser motivados por três razões principais:

1. Preenchimento de uma lacuna no léxico da língua portuguesa, quando a realidade a ser referida julga-se inexistente em Portugal, como é o caso de nomes de frutos, comidas e costumes.
2. Preenchimento de uma lacuna no conhecimento da língua portuguesa. Estes são introduzidos por falantes numa fase inicial de aprendizagem da língua portuguesa.
3. Identificação sócio-cultural entre os falantes. O uso deste tipo de empréstimos é característico das classes média e elevada. Este facto pode ser explicado tendo em conta a situação de diglossia existente em Moçambique, em que o Português tem um estatuto «elevado» e as línguas bantu um estatuto «baixo».

Esta diferença de estatuto sócio-cultural das línguas pode levar à formação de uma bilinguagem substractiva, i.e., o indivíduo bilingue valoriza mais a língua portuguesa sua L2, do que a sua L1 (Língua bantu). Presumo que, ao se comunicar em Português, ele tenta valorizar a sua L1, usando termos dessa língua.

Isto acontece, principalmente, com indivíduos de classe média e elevada porque é neles onde os conflitos da bilinguagem são mais acentuados. Por um lado, eles têm a necessidade de usar, quase que permanentemente, a língua portuguesa devido à exigência de trabalho e, por outro lado, eles sentem que se estão distanciando cada vez mais das suas origens. Resulta, deste modo, o uso consciente de empréstimos lexicais, que, muitas vezes, se fixam e permanecem na língua.

4. Conclusões

A finalidade principal do presente artigo foi reflectir sobre alguns mecanismos que as línguas podem utilizar para acompanhar o desenvolvimento social, cultural, político e económico das comunidades.

Tentou-se expôr o modo como o Chuabo e o Português acompanharam as mudanças no período pós-independência. Verifica-se que existiram processos semelhantes de adaptação às mudanças, nomeadamente, a ocorrência da mudança semântica de algumas palavras, a introdução de empréstimos e a criação de novas palavras, por lexicalização, no Chuabo e por derivação, no Português.

Constatou-se, também, que o processo de mudança semântica foi mais produtivo no Português do que no Chuabo, devido a razões anteriormente referenciadas.

Neste momento, parece que a influência do Português no Chuabo é grande, havendo um grande número de empréstimos. O mesmo não parece estar a acontecer em relação ao Português que, apesar de possuir já muitos empréstimos das línguas bantu, eles não são significativos a tal ponto, que nos permitam afirmar que o Português de Moçambique está sofrendo grandes mudanças lexicais. Estas tendências diferentes podem ser explicadas com base no estatuto sócio-cultural das duas línguas.

REFERÊNCIAS

- DORAIS, L. J. (1976). «La structure du vocabulaire moderne de la langue Inuit du Quebec». In: *Homme*. Labrodor.
- FERGUSON, C. A. (1968). «Language development». In: *Language Problems of Developing Nations*. Wiley: New York.
- OHLY, R. (1977). «Patterns of New-Coined Abstract Terms (nominal forms) in Modern Swahili». In: *Kiswahili*, vol. 47.
- TEYSSER, P. (1990). *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa.